

Prefácio

Henrique Tahan Novaes

Como citar: NOVAES, H. T. Prefácio. *In:* BELLINASO, F. **Grande indústria virtual:** Ead e a precarização docente. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p. 9-16.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-090-7.p9-16>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Prefácio

Inúmeros estudos foram produzidos sobre o crescimento das corporações no século XX. São bastante conhecidos os estudos de Lenin (1870-1924) no livro *Imperialismo fase superior do capitalismo*, onde ele mostra a ascensão do capital monopolista.

Corporações como General Electric, Ford, dentre tantas outras filhas da Segunda Revolução Industrial, que criaram carros, ônibus, aviões, tanques de guerra, sistemas elétricos para as cidades e fábricas, máquinas de lavar roupa, utensílios domésticos, cinemas, etc.

No século XIX, Karl Marx (1818-1883) narrou as positivities e negatividades da Primeira Revolução Industrial na Inglaterra, na época do capitalismo concorrencial. A Inglaterra foi o primeiro país a revolucionar a indústria têxtil. O brilhante Charles Dickens nos mostra em seus livros fábricas sujas, escuras, mulheres trabalhando 16 horas por dia, crianças trabalhando 14 horas por dia, e homens totalmente entregues ao trabalho por um mísero salário.

Jeremy Bentham (1748-1832) é um dos idealizadores do panóptico, um sistema visual que permite ao chefe da prisão ou da fábrica ver todos os pontos do espaço e assim tentar controlar o que está acontecendo. Charlie Chaplin é certamente o comediante de maior genialidade do século XX. Conseguiu explorar os dramas da humanidade com uma habilidade rara, nos fazendo rir em cenas que deveríamos chorar.

<https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-090-7.p9-16>

Numa das cenas do filme *Tempos Modernos*, Chaplin sequer teve o direito de fumar um cigarro tranquilamente no banheiro. Seu chefe estava vendo – ao mesmo tempo – várias câmeras e abriu a do banheiro. Mandou Chaplin voltar ao trabalho imediatamente! Seria isso um prenúncio do panóptico digital muito em moda na arquitetura e sistemas de controle das fábricas chinesas nos dias de hoje?

A implementação da maquinaria na Primeira Revolução Industrial não se deu sem resistência por parte da classe trabalhadora. O movimento ludita ou ludismo, como preferem alguns, teve papel fundamental na resistência à introdução da maquinaria. Eles atuaram num momento onde os sindicatos ainda eram efêmeros e pouco eficientes. Quebravam máquinas, no termo francês, sabotavam, ao jogar o tamanco (sabot/madeira) nas máquinas.

A partir dos anos 1960, o mundo passou por uma nova revolução industrial, que deu novo impulso ao crescimento das corporações, cada vez mais transnacionais e financeirizadas. Poderíamos destacar aqui a revolução computacional, a máquina-ferramenta de controle numérico e a crescente automação dos sistemas fabris. São conhecidas as lutas do movimento sindical para controlar o desenvolvimento e uso destas tecnologias em países como Suécia, Noruega e Dinamarca e as lutas dos trabalhadores japoneses para impedir a introdução total e irrestrita das máquinas de controle numérico e seus sistemas de trabalho em equipe, *just in time*, polivalente, com autocontrole do trabalhador, com estoques mínimos, etc.

As lutas contra a energia nuclear, contra os automóveis, os agrotóxicos e os transgênicos passaram a fazer parte da história da classe trabalhadora e das camadas intermediárias contra a introdução destas novas tecnologias.

Uma rápida busca na internet dos termos ludismo moderno vai permitir ao leitor verificar que dificilmente alguém quebra intencionalmente seu próprio computador, mas há formas de resistir ao desenvolvimento e controle absoluto das novas tecnologias digitais: campanhas contra o “Big Brother” nas cidades, isto é, câmeras por todos os lados, lutas de movimentos sociais contra viveiros de sementes transgênicas, lutas pelo software livre, dentre outras fazem parte do *novo ludismo*.

Lembremos que os primeiros computadores fizeram tremer o sistema elétrico da Califórnia. Eles ocupavam praticamente um quarteirão. Os primeiros correios eletrônicos eram de uso militar. Para os padrões de hoje os computadores eram lentíssimos, grandes e pouco eficientes, mas evoluíram rapidamente. Nos anos 1990, no contexto da nova Guerra Fria, agora contra os chineses, a internet deu uma grande oportunidade aos EUA, ao gerar um gigantesco mercado pelas redes.

As indústrias de fibra ótica, microcomputadores, celulares integrados a câmeras, e-mails, whatsapp, facebook, instagram, televisores modernos, não só permitiram que novas indústrias e novos serviços surgissem, mas também potencializaram os setores já existentes. Acabaram com o cartão de ponto, onde você para de trabalhar e esquece o seu trabalho. Em outras palavras, acabaram com a fronteira entre trabalho e tempo livre. Agora trabalhamos 24 horas.

Nos anos 2000, estavam dadas todas as condições para o surgimento de um perfeito panóptico digital. A diferença para as primeiras estruturas panópticas é que agora não há um chefe ou patrão que olha tudo, os computadores se encarregam disso e obviamente fornecem dados para as agências de inteligência. Não é preciso muito esforço para saber que tudo que fazemos vem sendo vigiado. O *camarada* Google sabe mais que nossa família sobre os nossos hábitos de consumo, preferências

políticas, preferências alimentares, etc. Corporações capturam tudo o que você faz e como faz.

Mas daí veio a pandemia, que permitiu o crescimento exponencial de um mercado já existente, o mercado das videoconferências, da EaD, do ensino remoto, etc., aquecendo a compra de câmeras, computadores, redes de internet, etc. etc.

No que se refere aos sistemas educacionais, lembremos que as classes possuidoras, através do Estado capitalista, tiveram uma enorme dificuldade de se apropriar do conhecimento dos trabalhadores-professores no século XX, seja nos sistemas públicos ou privados, como nos mostra o livro de Filipe Bellinaso que ora apresento.

A chamada liberdade de cátedra ou controle total da aula pelo professor foi um dos poucos campos que o capital não conseguiu penetrar, e obviamente expropriar conhecimento. Porém, a padronização das aulas, a oferta de manuais e livros didáticos ao Estado, a utilização de câmeras e sistemas computacionais como Google Meet, Google Classroom, Microsoft Teams, Zoom, têm levado ao *descobrimento* das rotinas das salas de aula, que durante muito tempo foram consideradas um *mistério* pelo Estado e pelas corporações, em geral em função da baixa permeabilidade ou dificuldade de controle do que se ensina, como se ensina e como se avalia.

A dissertação de mestrado que deu origem a este livro foi escrita antes da pandemia. Conheci o Filipe Bellinaso – naquele momento mais um aluno, e agora meu amigo Filipe, na disciplina de política educacional na licenciatura em ciências sociais. Numa das aulas procurei explorar a temática da expansão desenfreada da educação à distância (EaD) no Brasil e algumas das suas dimensões: a) mercantilização da educação; b) divisão do trabalho na EaD e c) o papel de controle destas novas tecnologias. Esse

gerou um Trabalho de Conclusão de Curso e o estímulo para que ele prestasse o mestrado em educação.

Bellinaso fez uma interessante recuperação histórica da educação à distância. Ela nos permite compreender que a forma atual é certamente a mais desenvolvida e a mais impactante, porém já fazia parte da história da humanidade. Fez também uma síntese das contribuições teóricas sobre a divisão do trabalho docente e precarização do trabalho docente na EaD.

O autor parte de conceitos marxianos como mais-valia absoluta e relativa, e busca adaptá-los e desenvolvê-los, como requer o marxismo, para a realidade do trabalho docente virtual nos tempos atuais, especialmente num contexto de sistemas tecnológicos baseados em fibra ótica, 4G, 5G, computadores de alta velocidade, softwares que robotizam a educação, combinados com formas de pagamento precarizadas.

A autor não cria uma dicotomia, muito menos um simples maniqueísmo entre ensino presencial (intrinsecamente bom e não precarizado) e ensino remoto (intrinsecamente ruim e precarizado). O mérito deste livro é pensar como as corporações educacionais têm acumulado capital baseando-se em formas de trabalho precarizadas e, junto a isso, permitir ao leitor conhecer um pouco do debate sobre a maquinaria e grande indústria, a história da EaD e algumas de suas dimensões no Brasil (legislação, expansão no ensino público e privado, (baixa) qualidade dos cursos oferecidos, dentre outras).

Estas e outras questões estão sendo abordadas por mim e por Bellinaso num livro de Bolso que irá chamar “As novas tecnologias e a nova alienação”, em fase de finalização.

Por último, mas não menos importante, num país como o Brasil, rasgado por inúmeras contradições como analfabetismo e analfabetismo funcional, falta de saneamento básico, multiplicação de favelas e casebres

por todos os cantos do país, mas acima de tudo, instabilidade de renda e trabalho para o povo, não é preciso muito esforço para perceber que o ensino remoto vai agravar nosso abismo educacional, gerar experiência-aprendizado para as corporações expelirem professores das universidades privadas, “otimizarem” e terem acesso ao valioso conhecimento da sala de aula nas universidades públicas.

Inúmeros secretários de educação já declararam publicamente em 2020 que menos de 20% dos alunos estão *frequentando* as aulas virtuais, ou seja, um pequeno desastre! Em universidades como a UNESP, concentradas no interior e com alunos muito humildes, a tragédia educacional do ensino remoto será visível. Se os reitores das universidades federais e estaduais tivessem bom senso, o ano deveria ter sido cancelado. Atividades de extensão sobre a pandemia e vinculadas à compreensão da barbárie deveriam ser o foco.

As lutas contra a implementação desses novos sistemas tecnológicos educacionais em geral têm sido travadas nas universidades públicas de forma espontânea, individual e desorganizada, tal como no ludismo, numa fase anterior ao surgimento dos sindicatos. Elas poderão gerar o controle do desenvolvimento tecnológico e questionar os fins das tecnologias desenvolvidas, que até o presente momento não melhoraram as condições de vida do povo-massa.

Nas universidades privadas, robôs passam a substituir professores. Aulas são trocadas por palestras de autoajuda. Num contexto de crescimento do exército industrial de reserva de professores, não há muito o que fazer. As corporações sabem que são muitos professores à disposição e que estes podem ser rapidamente substituídos por alguém que pode ganhar menos.

A luta sindical nas universidades públicas contra o ensino remoto tem surtido algum efeito. Poderíamos citar aqui o ANDES-SN com suas inúmeras denúncias sobre a precariedade do ensino remoto, sobre o papel das corporações no controle dos sistemas educacionais e mercantilização da educação, a necessidade de suspensão do calendário, o fosso educacional entre ricos e pobres, etc.

No entanto, a maior parte dos professores, em geral céticos, acreditam que devemos enquadrar um ano anormal dentro da *normalidade*, e tocar o barco, tentar fazer o melhor possível para não prejudicar ainda mais nossos alunos. Dizem que de qualquer forma vai haver prejuízos, temos que escolher o *mal menor*, que seria tentar dar aulas e não perder o ano.

A classe trabalhadora docente tem mais de 2 milhões de pessoas. É muita gente! São professores do ensino fundamental, médio e superior que estão em escolas públicas e privadas, universidades públicas e privadas, escolas profissionalizantes, ONGs, fundações e institutos. Estão em sistemas municipais, estaduais, federais e sistemas privados, travando lutas individuais e coletivas, planejadas para serem fragmentadas ou divididas por setores, ramos, entes da federação, do Estado capitalista e das corporações transnacionais. Fazem parte da classe trabalhadora precarizada, vendendo sua força de trabalho pro Estado, pra uma corporação educacional, e mais recentemente pra uma fundação, ONG e em breve para uma falsa cooperativa.

Num contexto de nova avalanche neoliberal, é pouco provável que crianças e jovens trabalhadores de um país como o Brasil aprendam algo via ensino remoto. Ao contrário, o panóptico digital vai aprender como controlar melhor os sistemas educacionais, automatizar os sistemas de ensino e, obviamente, ganhar rios de dinheiro reais num mundo virtual.

Essas são algumas das questões que a prazerosa leitura do livro de Filipe Bellinaso me fez pensar, tanto nos debates que fizemos ao longo do desenvolvimento da dissertação, quanto nas *lives* que participamos em tempos de pandemia.

Marília, 11 de junho de 2021

Henrique Tahan Novaes

Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP

Referências

NOVAES, Henrique Tahan. *O fetiche da tecnologia*. Marília: Lutas anticapital, 2020. 3ª edição.

NOVAES, Henrique Tahan. BELLINASO, Filipe. *As novas tecnologias e a nova alienação*. Marília: Lutas anticapital, no prelo. [Livro de Bolso]